



VOZES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA: PRÁTICAS LUDOPEDAGÓGICAS E IDENTIDADE CULTURAL NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

VOICES OF THE RIVERINE COMMUNITIES OF THE AMAZON: LUDO- PEDAGOGICAL PRACTICES AND CULTURAL IDENTITY IN THE PORTUGUESE LANGUAGE SUBJECT

DOI: 10.5281/zenodo.20621192



Renata Dias da Silva¹

Brayna Conceição dos Santos Cardoso²

RESUMO

Este artigo analisa a diversidade linguística manifesta nas variedades dialetais ribeirinhas da Amazônia, as quais refletem as múltiplas identidades de sujeitos imersos na dinâmica dos rios e nas singularidades de suas vivências. Investiga-se como tais saberes são transpostos para o contexto escolar, integrando teoria e prática de maneira produtiva, respeitosa e lúdica, com vistas ao aprendizado efetivo. O aporte teórico fundamenta-se na sociolinguística, a partir de Calvet (2002) e Bagno (2015); nos estudos de Hall (2006) e Bhabha (2013) acerca das transformações das identidades culturais; e na perspectiva dos jogos pedagógicos evidenciados por Kishimoto (2009). Metodologicamente, adota-se a pesquisa-ação (Thiollent, 1988), materializada no desenvolvimento de um jogo pedagógico, especificamente, o caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE). Professora da Rede Municipal de Abaetetuba-PA (SEMEC/Abaetetuba). E-mail: renatacalado91@gmail.com

2 Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE) e Docente do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. Doutora e Mestra em Letras - Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. Pós-doutora em Letras pelo ProfLetras da Universidade de Pernambuco. E-mail: braynacardoso@ufpa.br





Tocantins, aplicado a discentes do 3º ano do Ensino Fundamental para integrar o ambiente escolar à realidade social dos educandos. Como resultados, destacam-se a promoção de metodologias ativas e lúdicas no chão da sala de aula, o fortalecimento do respeito às múltiplas identidades e a valorização das variedades lexicais que contemplam o universo ribeirinho amazônico.

Palavras-chave: Sociolinguística; Linguagem Ribeirinha; Jogos Pedagógicos; Pesquisa-ação; Identidade Cultural.

ABSTRACT

This article analyzes the linguistic diversity manifested in the riverine dialectal varieties of the Amazon, which reflect the multiple identities of subjects immersed in the dynamics of the rivers and the singularities of their experiences. It investigates how such knowledge is transposed to the school context, integrating theory and practice in a productive, respectful, and playful way, with a view to effective learning. The theoretical framework is based on sociolinguistics, drawing from Calvet (2002) and Bagno (2015); on the studies of Hall (2006) and Bhabha (2013) regarding the transformations of cultural identities; and on the perspective of educational games as evidenced by Kishimoto (2009). Methodologically, action research (Thiollent, 1988) is adopted, materialized in the development of an educational game, specifically, a word search puzzle of the linguistic diversity of the riverine communities of the Lower Tocantins region, applied to 3rd-grade elementary school students to integrate the school environment with the social reality of the students. The results highlight the promotion of active and playful methodologies in the classroom, the strengthening of respect for multiple identities, and the appreciation of the lexical varieties that encompass the Amazonian riverine universe.

Keywords: Sociolinguistics; Riverine Language; Educational Games; Action Research; Cultural Identity.

INTRODUÇÃO

O Brasil é vasto em território, cidades, identidades e culturas, isso fomenta o repertório lexical característico de cada lugar, cada paisagem, cada ação, de acordo com a realidade sociocultural dos espaços, dos objetos e das pessoas. Nomear é uma necessidade inerente ao ser humano.

As comunidades ribeirinhas possuem saberes que são específicos de quem vive na floresta e nos rios amazônicos, essa relação com o meio ambiente expressa uma linguagem rica e variada, produzindo vários itens lexicais oriundos deste contexto, e que muitas vezes

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





não são reconhecidos pelo restante do país, vistos como estigmatizados, por não partilharem da mesma realidade.

No contexto escolar, a diversidade linguística deve ser trabalhada de maneira respeitosa, para que preconceitos inerentes à fala não continuem sendo propagados na sociedade, o professor deve ser o mediador dessas relações, mas para isso deve receber formação continuada adequada para tratar essas questões. É nesse sentido que a realização desse artigo foi pensada, para que possamos ampliar o nosso arcabouço lexical, despindo-nos de preconceitos, como por exemplo os oriundos de sujeito do campo x sujeito da cidade, sujeito mais letrado x sujeito menos letrado.

O ensino da disciplina língua portuguesa deve ser pautada em moldes democráticos, que vise a equidade social dos múltiplos saberes, preservando a língua como patrimônio imaterial, que expressa as identidades singulares dos sujeitos amazônicos por meio de suas construções simbólicas, conhecimentos empíricos, costumes, mitos e tradições, representando as histórias e memórias que atravessam os povos ribeirinhos da Amazônia.

Pensando na riqueza lexical que os alunos de comunidades ribeirinhas apresentam a pergunta levantada para a realização desta pesquisa foi: como pensar uma atividade/instrumento acessível que contemple a realidade sociocultural dos alunos do 3º ano do ensino fundamental de comunidade ribeirinha?

Para crianças desse nível de ensino, a ideia foi construir um jogo pedagógico, fomentando o aprender um determinado conteúdo de forma lúdica, tendo o propósito de trocar conhecimentos e construir um percurso pedagógico juntos, professor e alunos. Kishimoto (2009) diz que os jogos pedagógicos favorecem a aprendizagem ativa por meio de construções próprias, despertando o interesse e entusiasmo do aluno, fazendo com que esta aprendizagem se dê por meio de situações-problemas, as quais estimulam a pesquisa e a busca por respostas que satisfaçam as possíveis inquietações.

Dessa feita, constrói-se aqui, uma discussão científica entre os saberes universitários e a escola ribeirinha pautada na construção do jogo pedagógico intitulado *caça-palavras da*





diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins, oriunda de aportes acadêmicos provenientes da sociolinguística com discussões de Calvet (2002) e Bagno (2015), as relações de identidades evidenciadas por Hall (2006) e Bhabha (2013) e os jogos pedagógicos retratados por Kishimoto (2009).

Metodologicamente, parte-se da utilização dos princípios da pesquisa-ação de Thiollent (1988), ao se construir um jogo pensado nas questões pedagógicas e sociais, também se têm o empreendimento de uma análise qualitativa dos resultados após a aplicação do jogo.

Para fins de organização, o artigo é construído de uma seção que discute a linguagem ribeirinha: diversidade linguística, identidade e ludopedagogia, a estruturação do jogo pedagógico, os resultados pós-aplicação, as considerações finais e as referências que embasam este artigo.

1. A LINGUAGEM RIBEIRINHA: DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, IDENTIDADE E JOGOS PEDAGÓGICOS

A linguagem ribeirinha é constituída diretamente da relação dos sujeitos com a natureza, por meio desse contato constrói-se um arcabouço lexical oriundo do cotidiano de um povo que tem um tempo e um espaço marcados pelo fluxo dos rios e da vegetação. Nesse sentido, Calvet (2002) afirma que a nossa constituição linguística está associada diretamente às construções sociais as quais estamos inseridos.

Toda língua, como constructo social, é passível de variação, o mesmo ocorre com as variedades dialetais ribeirinhas, a maneira de nomear um referente de diferentes formas expressa a produção da variação semântico-lexical, que segundo Coseriu (1980) pode ocorrer por meio de fatores diatópicos, diastráticos, diafásicos e diacrônicos, que respectivamente fazem relação com a variação na dimensão espacial, dimensão social, dimensão situacional e dimensão temporal.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Na visão de Bagno (2015), a sociolinguística desempenha um papel fundamental na compreensão das complexidades da linguagem, por meio de suas relações sociais, culturais e identitárias. A análise das variações linguísticas fornece informações valiosas sobre as tradições, historicidade e cultura, favorecendo com que os elementos sociolinguísticos revelem modelos sociais, preconceitos linguísticos, além das desigualdades linguísticas existentes dentro de uma língua que é múltipla, e assim contribuindo para o entendimento da pluralidade linguística e a promoção da equidade linguística entre os sujeitos.

O estudo da variação linguística contribui para a preservação e manutenção de muitas línguas e variedades dialetais, fazendo com que, por meio de documentação e registros, elas não se percam no decurso do tempo. Também, propicia a comunicação respeitosa entre culturas diversas. Nesse estudo, em especial, o respeito, a valorização e a preservação da diversidade linguística existente no Brasil, especificamente no território amazônico, com todas as suas particularidades.

Aprender questões sociolinguísticas na sala de aula faz nos desprender de conceitos que estigmatizam as variedades dialetais presentes no nosso país. Segundo Bagno (2015), o preconceito linguístico ainda é alimentado diariamente nos variados meios de comunicação e nos manuais que ainda trabalham a prescrição, ditando o que é o certo e o errado na língua. Tal concepção, baseia-se apenas na variedade culta da língua, por meio de uma idealização de um único padrão de língua, pautado nos compêndios das gramáticas tradicionais, as quais não levam em consideração o uso real da língua portuguesa.

O preconceito linguístico surge a partir do momento que se passa a desconsiderar as formas que fogem daquilo que foi considerado o único padrão ideal de língua, descartando por exemplo formas que são oriundas de territórios tradicionais. E isso, é um descarte da história e memória de um povo.

A língua é heterogênea e cada variedade caracteriza as múltiplas identidades que os indivíduos carregam em suas singularidades. Bagno (2003) afirma que somos a língua que falamos, e essa língua é constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano.



Privilegiar apenas aquilo que é considerado a ‘norma padrão’ causa negligência e rejeição a riqueza presente nas diversas formas de falar e isso resulta em profundas desigualdades de oportunidades, ascensão social e, conseqüentemente, empobrecimento da própria língua, que é rica em improvisações, adaptações e passível ao surgimento de novas estruturas.

Calvet (2002, p. 12) diz que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Assim, podemos entender que a linguagem é um fenômeno intrinsecamente social e histórico, cuja existência e evolução dependem categoricamente da práxis de seus falantes. A análise dessas variantes evidencia que a estrutura linguística não se dissocia da trajetória sociohistórica de sua comunidade linguística, legitimando a oralidade ribeirinha como um patrimônio identitário e um monumento histórico vivo.

Dessa forma, a identidade do aluno ribeirinho da Amazônia, segundo Hall (2006), se reconstrói diariamente, por meio da sua vivência com o rio, com a sua localização geográfica e com os centros urbanos. Falar dessa relação na escola é falar da pertença social do aluno, pois quando a escola silencia esses saberes, ela está silenciando a própria identidade do aluno, gerando o apagamento da identidade cultural dos sujeitos.

Para Bauman (2005), a padronização escolar vista como um projeto moderno de ordenação e eliminação de ambivalências, atua apagando identidades ao impor um currículo rígido e eurocêntrico que desconsidera particularidades locais, como o léxico de comunidades ribeirinhas. Frente a essa ‘indiferença curricular’ que fragiliza os sujeitos, a valorização da variedade linguística local surge como resistência pedagógica, validando a identidade do educando e transformando a sala de aula em um espaço de contra-hegemonia.

Por meio da reflexão proposta por Bauman (2005), neste artigo, adotamos a postura de Bhabha (2013), pensar o ‘entre-lugar’ traduzido pela ancestralidade dos povos ribeirinhos e a cultura letrada. Na sala de aula de Língua Portuguesa das comunidades ribeirinhas, a cultura letrada eurocêntrica e a sabedoria ancestral dos povos das águas devem coabitar, desafiando a



linearidade do ensino tradicional e exigindo que a escrita seja ressignificada a partir da vivência dos estudantes.

A articulação entre os saberes tradicionais e o letramento formal resulta em um processo de hibridismo cultural contemporâneo. A cultura letrada, quando costurada à ancestralidade, permite ao estudante ribeirinho transitar com autonomia tanto no universo da oralidade de sua comunidade quanto nas demandas da sociedade letrada global, gerando o empoderamento da identidade do sujeito amazônico.

Partindo dessas perspectivas que se insere o jogo no ensino de língua portuguesa, tomando como base as concepções de Kishimoto (2009), que atribui ao jogo pedagógico um caráter de natureza dupla, a saber, o caráter educativo e o caráter lúdico, configurando a apreensão dos conteúdos curriculares intencionais a liberdade e a satisfação do sujeito no ato de aprender.

Para a autora, o jogo carrega consigo a cultura, os valores e a história do grupo no qual foram gerados. Dessa forma, o *caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins* ao transpor o léxico ribeirinho para a estrutura do jogo transforma o ato lúdico em espaço de representação. Partindo dessa configuração, o aluno sente-se seguro para expressar suas hipóteses linguísticas sem o medo de errar. A manifestação autêntica de sua identidade, por meio do jogo, gera o acolhimento ao invés do estigma.

A integração entre as práticas ludopedagógicas e a diversidade linguística promove o que Kishimoto (2009) discute como o desenvolvimento integral da criança por meio de experiências significativas. O jogo não visa apenas ao entretenimento, mas à mobilização de esquemas mentais complexos de reflexão sobre a língua. Quando o conteúdo do jogo retrata a variedade ribeirinha, ocorre uma síntese entre a teoria sociolinguística e a prática de sala de aula. O ludopedagógico torna-se, assim, uma estratégia de resistência pedagógica e política, ele instrumentaliza a cultura letrada a favor do estudante ribeirinho, provando que o respeito às múltiplas identidades linguísticas é o caminho mais eficaz para uma alfabetização verdadeiramente emancipadora (Freire, 1968).





O caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins, como prática ludopedagógica, atua como dispositivo de mediação, configurando o terceiro espaço, como discute Bhabha (2013) em seus estudos sobre tradução cultural. No jogo, essas configurações traduzem-se em uma negociação de política linguística onde a voz do aluno apresenta-se com direito de autoria.

A imposição de uma cultura rígida que ignora a realidade ribeirinha amazônica gera o que o Bhabha (2013) chama de mimetismo, que ocorre quando os sujeitos são obrigados a reproduzir um discurso colonizador, nesse caso, nas instâncias escolares, forçando o aluno ribeirinho a adotar uma norma-padrão desvinculada da sua cosmovisão, gerando um aprendizado linguístico artificial. Nesse sentido, a valorização das variedades dialetais no jogo rompe com essa lógica mimética, transformando o ato de ler e escrever em uma prática de afirmação, e não de silenciamento da ancestralidade.

Segundo Munduruku (2009), o jogo e o ato de brincar não são atividades periféricas ou meros passatempos, mas sim fundamentais eixos estruturantes de transmissão da ancestralidade e da memória coletiva. Nas sociedades que se erguem às margens dos rios e matas, o jogo funciona como uma pedagogia viva em que a oralidade, os saberes práticos sobre a natureza e os mitos formadores são herdados e atualizados pelas novas gerações. Ao transpor o léxico e as variantes dialetais locais para o *caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins*, a escola não está aplicando um jogo vazio de sentidos, mas sim acionando essa memória ancestral. E, assim, o lúdico torna-se o elo que valida as experiências históricas dos educandos e assegura que a apropriação da cultura letrada ocorra em profunda consonância com as suas raízes culturais.

Pensando na realidade sociocultural dos alunos ribeirinhos da Amazônia e nas concepções aqui discutidas que se pensou na produção desse jogo pedagógico que serve como um potente instrumento para ser utilizado em sala de aula. Na seção seguinte é apresentada a estruturação do *caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins*.





2. A ESTRUTURAÇÃO DO JOGO PEDAGÓGICO: CAÇA-PALAVRAS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA RIBEIRINHA DO BAIXO TOCANTINS

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, configurando-se em uma pesquisa-ação, conforme os pressupostos de Thiollent (1988). Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de associar a teoria sociolinguística a uma ação prática e transformadora no ambiente escolar, em que pesquisadores e participantes interagem ativamente na construção do conhecimento e na valorização da identidade cultural local.

O estudo foi desenvolvido em uma escola do campo e das águas, localizada na região ribeirinha do município de Abaetetuba, no estado do Pará. Os sujeitos da pesquisa foram 10 alunos matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental I, com faixa etária compreendida entre 9 e 12 anos. A escolha desse público-alvo considerou a relevância de se trabalhar a diversidade linguística e o lúdico nos anos iniciais da alfabetização e do letramento.

Em observância aos preceitos éticos da pesquisa científica com seres humanos, a pesquisa aqui desenvolvida foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará, com o CAAE nº 87331525.5.0000.0018. A participação dos colaboradores ocorreu mediante a anuência da gestão escolar e dos responsáveis pelos menores, garantindo o respeito e a integridade de toda a comunidade escolar envolvida.

Inicialmente, realizou-se uma diagnose em sala de aula para identificar o vocabulário, as expressões e as variedades dialetais espontâneas utilizadas pelos próprios alunos no cotidiano ribeirinho. Esse levantamento serviu de matéria-prima e base contextual para a produção do material didático.

A partir dos dados da diagnose, confeccionou-se o jogo pedagógico *Caça-Palavras da Diversidade Linguística Ribeirinha do Baixo Tocantins*. A intervenção em sala de aula ancorou-se nas práticas ludopedagógicas propostas por Kishimoto (2009), utilizando o jogo





como ferramenta de mediação para interligar a realidade social dos educandos à disciplina de Língua Portuguesa.

Os dados foram coletados por meio da observação participante e de registros detalhados em diário de campo realizados pelas pesquisadoras durante a execução da atividade lúdica. A diagnose realizada com os alunos permitiu o mapeamento de expressões típicas da comunidade, as quais compuseram a estrutura do jogo. Dentre o vocabulário mapeado, destacaram-se itens lexicais e variantes como: *tebudo*, *freteira*, *parente*, *piqueno*, *paresque*, *gapuiar*, *lancear*, *mufino*, *amodo*, *assiada*, *peia*, *tuíra* e *purrua*. A identificação dessas palavras legitimou a bagagem cultural dos discentes, servindo de base para as discussões em sala de aula.

Por meio da coleta de dados, uma questão nos chamou atenção, que foi observar que a linguagem ribeirinha, comum aquele território, não era pensada como símbolo de identidade, pertencimento, valorização, preservação e muito menos como proposta metodológica para diversos conteúdos disciplinares, o que nos fez refletir que este tipo de trabalho precisa ser mais debatido nos espaços de conhecimento, como as academias, as formações realizadas para os docentes das secretarias municipais de educação e, estar presente nos currículos dos cursos superiores de formação docente, entre outros espaços que podem tomar esta pauta de discussão.

A produção do jogo ocorreu de forma criativa e artesanal, com materiais de baixo custo como papel, canetinha hidrográfica e papel adesivo. Nos preocupamos em produzir um jogo que não demandasse muito tempo, nem muitas dificuldades com regras complexas, para que não ficasse cansativo e causasse porventura, o desinteresse dos participantes.

Com a produção do jogo, objetivamos promover uma experiência concreta entre teoria e prática, pois almejamos fazer com que o jogo leve para dentro dos espaços escolares ribeirinhos a reflexão de se manter viva e preservada a variedade vernacular utilizada em territórios de comunidades tradicionais ribeirinhas.





As cartelas do jogo foram confeccionadas com um caça-palavras que apresenta itens lexicais utilizados no cotidiano dos alunos ribeirinhos. A ideia é fazer com que os alunos identifiquem e marquem com caneta hidrocor estes itens lexicais que estão presentes dentro das realidades que são inerentes a eles. A seguir expomos o protocolo do jogo, com fins instrutivos e para que ele possa ser utilizado na educação básica.

CAÇA-PALAVRAS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA RIBEIRINHA DO BAIXO TOCANTINS

Componentes:

- 10 cartões contendo um caça palavras com itens lexicais diversificados;
- 10 canetinhas hidrográficas.

Como construir o jogo:

- No aplicativo Canva, confeccione os cartões contendo um caça-palavras que contenha itens lexicais originários de comunidades tradicionais ribeirinhas;
- Escolha lexias variadas que represente o território ribeirinho;
- Imprima os caça-palavras em tamanho 10cm x 15cm, em papel fotográfico ou Vergé.
- Com papel adesivo transparente cubra cuidadosamente cada caça-palavra de forma que após utilizado com canetinha hidrográfica possa ser apagado.

Quantidade de participantes: 16 alunos.

Objetivo do jogo: Fazer com que os alunos reconheçam entre os itens lexicais dispostos no caça-palavras, os itens que possam reconhecidos como linguagem ribeirinha dentro do arcabouço linguístico desses territórios.



Habilidades da BNCC: EF35LP11, que se volta em ouvir variedades linguísticas (regionais, urbanas, rurais), identificando suas características e combatendo o preconceito linguístico, valorizando-as como expressões culturais de diferentes grupos sociais.

Público-alvo: Alunos do 3º ano do ensino fundamental I.

Como jogar:

- Inicie o jogo distribuindo os caça-palavras e uma caneta hidrográfica aos alunos que podem estar dispostos individualmente ou em duplas, para que possam analisar cuidadosamente cada item lexical contido ali;
- Peça aos alunos que utilizando a caneta hidrográfica possam marcar a lexia identificada;
- Após a identificação dos itens lexicais cada aluno ou dupla deve explicar aos demais sobre os seus significados ao restante da turma;
- Após a identificação das lexias dispostas nos caça-palavras, deve-se realizar uma breve discussão acerca da variação linguística presente na nossa sociedade, pontuar sobre o preconceito linguístico de forma com que os alunos compreendam a necessidade de valorização e preservação destes itens que fazem parte de suas identidades.

A seguir, apresentamos a figura do jogo que foi produzido para fins educativos (Figura 1).



Figura 1 – Caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins



Fonte: elaborado pelas autoras deste trabalho.

O jogo foi confeccionado por meio da escuta ativa na relação alunos, professores e pesquisadores, a busca pelos itens lexicais não se configura apenas em uma tarefa linguística, mas pelo sentimento de pertença-lúdica que se configura em aprendizado e prática ativa. O design do jogo foi confeccionado com o suporte do aplicativo *Canva* e seus itens lexicais foram inseridos de forma a tornar a atividade mais desafiadora e atrativa.

Após a produção do jogo, discutiu-se a temática juntamente com os professores e a turma, abordando a conceituação necessária e dialogando sobre as reflexões que envolvem a temática em escopo. Posteriormente, o jogo foi aplicado com o acompanhamento das professoras, visando a percepção individual e coletiva dos alunos na realização do jogo, propondo intervenções quando necessário e, sobretudo, incentivando a autonomia e a autoconfiança no processo de aprendizagem, como podemos visualizar nas imagens a seguir na figura 2.



Figura 2 – Aplicação dos jogos na brinquedoteca



Fonte: elaborado pelas autoras deste trabalho.

Após a aplicação do jogo, diagnosticou-se como os alunos lidaram com a questão da diversidade linguística e identidade cultural, por meio da utilização da prática ludopedagógica, o *jogo da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins*. A seguir apresenta-se os resultados.

3. O RESULTADO APÓS A APLICAÇÃO DO JOGO LUDOPEDAGÓGICO CAÇA-PALAVRAS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA RIBEIRINHA DO BAIXO TOCANTINS

A proposta da aplicação do jogo ludopedagógico foi recebida com bastante entusiasmo pelos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Pública Ribeirinha da Cidade de Abaetetuba/PA. Durante a realização das atividades com o jogo, observou-se que os alunos demonstraram maior interesse, participação e envolvimento, uma vez que o jogo possibilitou uma



aprendizagem mais dinâmica, interativa e contextualizada com a realidade sociocultural dos alunos.

A análise dos dados coletados por meio da observação participante e sistematizados no diário de campo permitiu a emergência de três categorias analíticas fundamentais: a legitimação do léxico ribeirinho, o tensionamento da identidade cultural e a potência do lúdico como mediação.

A diagnose inicial resultou no mapeamento de um léxico vivo e dinâmico, quando os alunos nos contemplaram com itens lexicais oriundos de suas realidades diárias, a saber: *tebudo, freiteira, parente, piqueno, paresque, gapuiar, lancear, mufino, amodo, assiada, peia, tuíra e purruda*. Partindo dessa perspectiva, de acordo com Coseriu (1980), essas palavras expressam a dimensão histórica e cultural da língua por meio da norma, ou seja, do conjunto de realizações tradicionais e comuns a comunidade, que não se confundem com a rigidez da norma-padrão.

Tomando como base a Ecologia Linguística de Calvet (2002), esse vocabulário reflete a perfeita adaptação dos falantes ao seu ecossistema hídrico e social; 'gapuiar' e 'lancear', por exemplo, são formas que ganham sentido na relação direta com a vida no rio. Ao sistematizarmos essas variantes no Caça-Palavras, a intervenção pedagógica operou um ato glotopolítico, combatendo o que Bagno (2015) conceitua como preconceito linguístico. Em vez de estigmatizar o falar ribeirinho ou tratá-lo como um desvio, o jogo o legitimou como um sistema linguístico complexo, estruturado e dotado de valor cognitivo.

O dado mais complexo registrado no diário de campo diz respeito à invisibilidade da linguagem local enquanto patrimônio pelos próprios alunos. Conforme observado, o falar ribeirinho não era associado por eles a sentimentos de valorização ou pertencimento. Esse fenômeno dialoga estreitamente com as reflexões de Hall (2006) sobre as identidades culturais na pós-modernidade, frequentemente fragmentadas e submetidas a processos de colonização cultural que empurram as culturas tradicionais para a marginalidade. Ao não se reconhecerem na própria linguagem, os sujeitos evidenciam o peso de um currículo eurocêntrico e homogeneizador.





Ao dialogar com as concepções de Bhabha (2013), nessa dinâmica construída por meio do jogo, vimos que a sala de aula se transformou, e deu espaço ao entre-lugar, o terceiro espaço da enunciação e hibridismo, onde a cultura local, historicamente silenciada, confronta a cultura escolar hegemônica. A negação inicial da identidade linguística pelos alunos reforça a urgência de deslocar esses saberes da periferia para o centro do debate curricular, gerando fissuras nas estruturas de apagamento cultural.

A aplicação do jogo ludopedagógico *Caça-Palavras da Diversidade Linguística Ribeirinha do Baixo Tocantins* demonstrou o potencial do lúdico como agência transformadora. Como preconiza Kishimoto (2009), o jogo atuou como mediação pedagógica, conferindo aos alunos a liberdade de ação e o estímulo à estabilidade emocional, necessários para a apropriação do conhecimento de forma não impositiva. Somado a isso, a perspectiva de Munduruku (2009) enriquece a análise ao lembrar que, nas matrizes tradicionais e indígenas, fortemente conectadas à raiz ribeirinha, o jogo e a ludicidade não são meros passatempos individuais, mas práticas comunitárias de transmissão de saberes e fortalecimento de vínculos. O caráter artesanal do recurso (papel, canetinha e papel adesivo) corroborou essa visão ecológica e comunitária.

Os registros do diário de campo destacaram que a busca pelas palavras desencadeou momentos de boas interações sociais, os alunos compartilharam histórias sobre quando e com quem usavam termos como 'mufino' ou 'purruda', transformando a atividade em um mutirão de resgate de memórias e vivências ancestrais.

Por meio do registro dos itens lexicais e com base nas teorias aqui discutidas, dispomos um quadro com as categorias de associação e o que as palavras despertam nos alunos, conferir quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Categorias de associação e o que as palavras despertam nos alunos

<i>Categoria de associação</i>	<i>Exemplos de palavras</i>	<i>O que desperta nos alunos</i>
---------------------------------------	------------------------------------	---



<i>Ecológica / Territorial</i>	gapuiar, lancear, freiteira	Lembranças da pesca, barcos, transporte fluvial e o cotidiano na beira do rio.
<i>Ancestral / Afetiva</i>	mufino, amodo, tuíra, piqueno	Memória afetiva do lar; falas atribuídas a mães, pais e avós.
<i>Sociocomportamental</i>	tebudo, purruda, peia, assiada	Humor, piadas internas, caracterização de comportamentos do grupo.

Fonte: elaborado pelas autoras deste trabalho.

Associações ecológicas e de manejo apresentaram palavras ligadas ao ecossistema e à sobrevivência no território ribeirinho, já as associações afetivas, familiares e ancestrais remetem às palavras que geram acolhimento, reconhecimento da hierarquia de saberes, especialmente de pessoas mais velhas e as associações sociocomportamentais qualificam a dinâmica da própria comunidade.

O léxico ribeirinho mapeado alinha-se perfeitamente às competências de alfabetização, ortografia e letramento propostas pela BNCC (2018), ao transpor a aplicação do jogo pedagógico para o cenário do 3º ano do Ensino Fundamental. No eixo da Língua Portuguesa, fenômenos de variação fonética presentes em 'piqueno' e 'paresque' tornam-se objetos ricos para a compreensão das regularidades ortográficas textuais, permitindo a transição consciente da oralidade para o registro escrito sem a estigmatização do aluno.

Interdisciplinarmente, os dados empíricos revelam que a faixa etária do 3º ano é propício para interligar termos como 'gapuiar' e 'tuíra' aos conteúdos curriculares de Geografia e Ciências, convertendo as vivências hídricas e os saberes tradicionais preconizados por Munduruku (2009) em ferramentas de leitura do espaço geográfico e de valorização da identidade cultural local.





Em síntese, a aplicação da atividade lúdica fomentou reflexões profundas acerca das variações linguísticas, permitindo que os alunos estabelecessem correlações concretas entre a norma-padrão, preconizada pela instituição escolar e demandada socialmente, e as diversas variedades linguísticas que coexistem na realidade social. Ademais, constatou-se que o caráter lúdico da metodologia proposta potencializou o interesse, a motivação e a interatividade dos alunos, convertendo o processo de ensino-aprendizagem em uma experiência significativamente mais dialógica e prazerosa.

Após a conclusão das experiências com o recurso ludopedagógico, professores e alunos ratificaram a viabilidade de transpor o jogo para o ambiente escolar. Essa transição visa promover práticas pedagógicas mais dinâmicas e alinhadas às realidades socioculturais locais, de modo a integrar a linguagem ribeirinha à instância escolar como marca identitária. Consequentemente, tal inserção legitima esses saberes tradicionais por meio de discussões linguísticas e/ou interdisciplinares no espaço de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões teóricas acerca da diversidade linguística, da identidade cultural e dos jogos pedagógicos, articuladas ao universo da linguagem ribeirinha amazônica no contexto escolar, constituíram os pilares necessários para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em suma, a aplicação do recurso ludopedagógico demonstrou-se eficaz ao fomentar reflexões profundas acerca das variações linguísticas no 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública ribeirinha no município de Abaetetuba/PA. A metodologia ativa proposta, configurada em um *caça-palavras da diversidade linguística ribeirinha do Baixo Tocantins*, permitiu que os alunos estabelecessem correlações concretas entre a norma-padrão, preconizada pela instituição escolar e demandada socialmente, e as diversas variedades que coexistem na realidade social. Ademais, o caráter lúdico da atividade potencializou o interesse, a motivação e a interatividade dos alunos, convertendo o processo de ensino-aprendizagem em uma experiência significativamente mais dialógica e prazerosa.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Não obstante o êxito da intervenção, identificou-se uma lacuna persistente no currículo escolar formal: a linguagem ribeirinha, conquanto configure uma marca linguística e identitária indissociável de seu território, permanece à margem de discussões interdisciplinares cotidianas. Essa invisibilidade institucional evidencia a premência de uma decolonização curricular. Necessita-se, portanto, integrar essa variação linguística de forma orgânica à matriz curricular, transformando a sala de aula em um espaço epistêmico de resistência. Essa reestruturação decolonial é fundamental para fomentar debates voltados a valorizar a relevância desse falar para os sujeitos que o constituem e o performam em seus contextos socioculturais, legitimando suas vivências frente às imposições da norma-padrão.

Diante desse cenário, a excelente receptividade da comunidade escolar aponta caminhos promissores entre a Universidade e a Educação Básica. Após a conclusão das experiências, professores e alunos ratificaram a viabilidade de transpor o jogo de forma permanente para o ambiente escolar. Essa transição visa promover práticas pedagógicas mais dinâmicas e alinhadas às realidades locais, integrando a linguagem ribeirinha à instância escolar como marca identitária legítima. Consequentemente, tal inserção insere esses saberes tradicionais no cerne de discussões interdisciplinares no espaço de aprendizagem.

Recomenda-se, por fim, o desenvolvimento de pesquisas futuras dedicadas à elaboração de materiais didáticos complementares, voltados especificamente à valorização da ecolinguística dos territórios ribeirinhos. Almeja-se, outrossim, que este estudo contribua para que a instituição escolar se consolide não como um espaço de apagamento cultural, mas como um ambiente de acolhimento e legitimação da pluralidade identitária e linguística de seus estudantes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSERIU, Eugen. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Moromito (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Saberes da floresta: contos, mitos e ensinamentos dos povos da Amazônia**. São Paulo: Moderna, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

Recebido em: 16/04/2026

Aprovado em: 14/05/2026

Publicado em: 10/06/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

